

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA: OUSMANE SEMBÈNE
29 de agosto e 4 de setembro de 2020

CAMP DE THIAROYE / 1988

um filme de Ousmane Sembène e Thierno Faty Sow

Realização e Argumento: Ousmane Sembène, Thierno Faty Sow / **Direcção de Fotografia:** Smail Lakhdar-Hamina / **Som:** Rachid Bouafia, Hachim Joulak / **Montagem:** Kahena Attia-Riveil / **Música:** Ismael Lo / **Interpretação:** Ibrahima Sane (Sargento Diatta), Mohamed Dansoko Camara (Cabo Diarra), Sikiri Bakara (Pays), Jean Daniel Simon (Capitão Raymond), Pierre Orma (Capitão Labrousse), John Peterson, Marcel Duplouym Gerard Maxent, Robert Morgan, Charles Estifian, Eric Dudoit, Marthe Mercadier, etc.

Produção: SNCP (Senegal). SATPEC (Tunísia), ENAPROC (Argélia), Filmi Domirev, Filmi Kajoor / **Produtor:** Mustafa Ben Jemja, Ouzid Dahmane, Mamadou Mbengue / **Cópia:** 35mm, colorida, 152 minutos, legendado eletronicamente em português / **Estreia mundial:** Setembro de 1988 (Festival de Veneza). Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.

A sessão de dia 4 de setembro decorre na Esplanada e tem intervalo.

Da filmografia de Ousmane Sembène ressaltam dois eixos principais que vão alternando entre si e que têm a ver com duas realidades distintas temporalmente, mas ambas decorrentes do projecto político e cinematográfico do realizador de fazer de África o seu território de eleição (as únicas imagens conhecidas feitas por Sembène fora do continente foram as cenas no sul de França de **La noire de**, a breve sequência parisiense de **Mandabi** e a sua restrita colaboração para um documentário colectivo sobre os Jogos Olímpicos de Munique de 1972). O primeiro eixo integra os filmes cujas narrativas têm lugar no presente do Senegal (de **Borom Sarret** a **Mooladé**), ambientadas sobretudo na sua capital, e são observações de um quotidiano visto por um cronista atento aos pequenos dramas individuais na medida em que estes dizem muito sobre um colectivo mais vasto. O segundo eixo é desenhado pelos filmes que baseados em acontecimentos históricos mais ou menos distantes temporalmente (da recriação de momentos remotos da história da colonização em África de **Ceddo** ao passado ainda muito próximo de **Emitai** ou deste **Camp de Thiaroye**) e quase sempre ocorridos longe de Dakar. Não por acaso, o interesse de Sembène nessas histórias passadas vem do seu valor de ensinamento para o presente (são sempre histórias de resistência à opressão, sobretudo a de natureza colonial) e para a construção de uma memória mais complexa da história nacional que possa ser contraposta à rasura do colonialismo (no fundo, uma reparação pela omissão destas "narrativas" esquecidas que a independência do Senegal em 1960 permitiria trazer à luz mas que eventualmente ficariam na mesma esquecidas pela vontade de "virar a página" do novo regime).

Em qualquer dos eixos, o método de Sembène consiste sempre na exploração a fundo do espírito do lugar (a filmagem *on location* é não só uma questão de produção mas um princípio essencial do seu cinema pela contaminação que traz da realidade à ficção) e um dos maiores motivos de interesse dos seus filmes consiste na renovada inventividade no tratamento de uma estrutura narrativa invariavelmente baseada na sacrossanta unidade de tempo, espaço e acção (virá daí a enorme economia e a concentração de décors dos seus filmes, em

contraponto à multiplicação e à variedade de personagens, cada uma delas capaz de, pelo menos por uma cena, ser o centro das atenções).

Único filme de Sembène assinado em co-realização, **Camp de Thiaroye** será porventura a mais ambiciosa produção em que esteve envolvido (e, no seu caso, as questões de produção e de distribuição no difícil contexto africano ocuparam-lhe bastante do seu tempo e energia ao longo dos anos). Esta co-produção 100% africana (como Sembène se orgulhava de referir, o filme foi feito sem qualquer financiamento europeu) implicou a construção integral do principal décor do filme, a base militar de Thiaroye, uma réplica em tamanho real do campo original que acaba por nos fazer "acreditar" completamente na experiência física e mental que foi a vida no campo para os soldados que por ele passaram. A revisitação da história do infame Thiaroye é contada organizando toda a narrativa à volta do espaço do campo (com raras incursões à vizinha Dakar), desde a chegada de um grupo de soldados africanos que combateram pelo exército francês na II Guerra Mundial (experiência que o próprio Sembène conheceu em primeira mão), e que aí tem que aguardar pela desmobilização, até ao massacre final de que são vítimas às mãos desse mesmo exército por motivos pecuniários (a disputa sobre o valor das compensações devidas aos soldados negros, significativamente muito mais baixas do que as pagas aos soldados brancos na mesma situação).

É curioso como **Emitai**, que mostrava a violência do recrutamento destes soldados negros retirados das suas aldeias à força para combater em nome da França, e **Camp de Thiaroye**, que se ocupa com os que lhe acontece depois de regressarem, constituem um díptico que deixa entre cada uma das partes uma enorme elipse, a da experiência da guerra propriamente dita, talvez porque, como se dizia naquele filme, "esta guerra não é nossa. Esta guerra é dos brancos". Dito isto, muita coisa separa o trabalho formal dos dois filmes, nomeadamente um assumido maior convencionalismo da montagem e da construção narrativa de **Camp de Thiaroye** (filme com que, depois de um hiato de 11 anos sobre o radical **Ceddo**, assinalava o seu aguardado regresso ao cinema e dava início à fase final da sua obra, revelando um sereno amadurecimento que nada retirava ao carácter militante dos seus filmes mas os tornava eventualmente mais próximos de um público mais alargado), repleta de episódios mais ou menos pitorescos e que decorrem da variedade das psicologias individuais dos soldados, as quais constituem para Sembène motivo de interesse suficiente para alimentar várias cenas que outro cineasta mais preocupado com a eficácia do *storytelling* poderia considerar supérfluas. O limbo que constitui o dia a dia dos soldados no campo é preenchido pelas pequenas histórias desta comunidade acidental, diversa mas unida por uma experiência comum, a qual moldou os laços de solidariedade e o espírito de resistência perante a injustiça que os levará a desafiar a autoridade dos seus chefes militares (haverá aqui uma metáfora da necessária união africana para superar os problemas comuns, preocupação partilhada por Sembène em inúmeras intervenções públicas).

O racismo profundo da sociedade francesa presente no Senegal é mostrado por Sembène como um elemento inseparável do passado colonial em vários momentos do filme (a reacção do oficial francês à ideia de que um negro aprecie música clássica e literatura francesa; o incidente com o exército americano por causa do sequestro de um oficial branco; a expulsão do sargento Diatta do bordel, etc), mas não nos prepara completamente para um desfecho tão trágico (não fora a caução de se tratar de uma história baseado em factos reais e poderia parecer forçada a violência da resolução). Se o tom inexorável do final se começa a desenhar na última meia hora com a introdução das legendas que informam do dia e da hora em que a acção decorre até à noite do massacre, há na forma de Sembène de encenar a ofensiva militar francesa sobre os desprotegidos soldados africanos (evitando mostrar os rostos dos que matam para apenas mostrar a maquinaria militar desumanizada) uma notável capacidade de

transportar o espectador para dentro do drama do filme e de assim o tornar numa testemunha compassiva da História.

Nuno Sena